

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

Raquel Braga

A CULTURA COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO AO GENOCÍDIO
DA JUVENTUDE NEGRA

Belo Horizonte

2016

Raquel Braga

A CULTURA COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO AO GENOCÍDIO
DA JUVENTUDE NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Dr. Francisco André da Silva Martins

Belo Horizonte

2016

Raquel Braga

A CULTURA COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO AO GENOCÍDIO
DA JUVENTUDE NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Francisco André da Silva Martins

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco André da Silva Martins – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Dra. Licínia Maria Correa – Faculdade de Educação da UFMG

Resumo

O texto trata de experiências vividas na prática do enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar, a partir de propostas do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial Na Escola ,para professores da rede pública (municipal e estadual) da região metropolitana de Belo Horizonte. Explica as dificuldades presentes no ambiente escolar em tratar a temática do racismo e preconceito racial enfatizando a necessidade de formação adequada aos profissionais da educação de forma a contemplar a diversidade étnico racial . Discute ainda as relações da juventude negra com a escola ,propondo a cultura , como ponto de partida para que o aluno identifique o no ambiente escolar a possibilidade de transformação de sua realidade social.

Palavras-chave: Cultura, Violência, Juventude, Escola

SUMÁRIO

1.CONSIDERAÇÕES INICIAIS	5
2.CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTOES RACIAIS	8
2.1- Racismo na escola.....	9
2.2 Juventude e Violência.....	12
2.3. Reação através da cultura	14
3.RELATO DE EXPERIÊNCIA	18
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5.REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
6.ANEXOS.....	30

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em minha formação superior houve apenas uma disciplina que abordasse o continente africano, ainda assim de maneira rasa, destacando mais a pobreza e os conflitos que sua diversidade, o que contribuiu para uma formação preconceituosa que entendesse o continente apenas como o lugar que necessitava de ajuda humanitária, que não contribuía na formação da sociedade atual. Este tipo de formação pouco auxilia para a implementação da Lei 10.639/03 - que torna obrigatório o ensino e cultura africana nas escolas de Ensino Médio e Fundamental. Por isso enxerguei a realização da especialização em Políticas de Promoção a Igualdade Racial na Escola como uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos para contribuir de maneira mais efetiva com a formação dos alunos no dia a dia escolar. Sou uma mulher negra que atua como professora de geografia na rede estadual de ensino de Minas Gerais e que vê na experiência educativa uma oportunidade de intervenção social em busca de uma sociedade menos racista.

Na escola não é incomum vivenciar situações em que os professores não intervêm nas "brincadeiras" racistas entre os alunos. Situações em que o negro se torna alvo de xingamentos como: macaco, cabelo de bombril e "tição". Muitas vezes esses profissionais demonstram uma expectativa de resultados escolares inferiores de alunos negros, separando-os dos demais em turmas consideradas "mais fracas". As reuniões de conselhos de classe, são marcadas por xingamentos em que os próprios professores atribuem características negativas aos alunos, especialmente aos negros. Digo isso por já ter tido a oportunidade de presenciar tais situações inúmeras vezes. No que tange a religião, a laicidade da escola é figura retórica de um discurso equivocado. Podemos dizer de uma certa imposição religiosa presente nas orações e eventos festivos que ignora a existência de qualquer outra fé que não a cristã.

Neste trabalho de conclusão de curso trago o relato das intervenções que realizei no ambiente escolar durante esse período de formação.

Concomitantemente, trago também inquietações que antecederiam o curso e que foram potencializadas pela própria experiência formativa. Considero importante ressaltar o fato de ter minhas experiências pessoais e profissionais anteriores, já que estas também contribuem para o desenvolvimento das atividades atuais.

Durante a adolescência fiz parte de um grupo de dança de rua e hip hop, para fugir da violência da região do aglomerado do Cabana. Passamos a ensaiar dentro de uma escola estadual, onde ajudamos a fundar um projeto de voluntariado que abria a escola nos finais de semana com diversas oficinas como, capoeira, teatro, violão, dança, e artesanato. Atualmente divido meu tempo entre a sala de aula e a ONG Move Cultura, onde atuo como produtora cultural com realização de eventos e cursos de formação profissional da área da cultura e com enfoque na cultura negra.

Por compreender que a educação e a cultura são indissociáveis no processo de formação humana, observei de forma crítica que na escola existe uma hierarquização curricular que valoriza de diferentes formas os conhecimentos escolares, supervalorizando as disciplinas científicas e secundarizando os saberes ligados à arte e ao corpo, tratando-as como algo menos importante, que não enriquece o conteúdo curricular.

Segundo Moreira(2002), essa hierarquia existente entre as disciplinas escolares, legitima os saberes socialmente reconhecidos e estigmatiza os saberes populares, silenciando as vozes de muitos indivíduos e grupos sociais, classificando-os como indignos de serem ensinados e aprendidos, promovendo uma subalternização velada que favorece a manutenção das desigualdades e das diferenças que caracterizam nossa estrutura social.

Há ainda imagens socialmente construídas sobre o que é cultura e o que não é. O taxado como ruim é exatamente a cultura que vem da periferia, como o pagode, hip hop e o funck, assim como a cultura afro-brasileira mais tradicional. As religiões de matriz africana, muitas vezes, são associadas a algo demoníaco por supostamente estarem ligada às heranças ancestrais africanas. Por falta de conhecimento essas são chamadas pejorativamente de macumba, tudo isso em contraponto a cultura produzida pelas elites, considerada ideal. A

escola que já não valoriza a cultura de maneira adequada, reproduz essa subvalorização, tendendo a segregar ainda mais a cultura de massa que é produzida e consumida por seus alunos e legitima o status superior dos grupos sociais hegemônicos. De maneira simplória poderíamos dizer que, em linhas gerais, a sociedade considera esse tipo de cultura como sendo pobre e que se destina aos pobres.

Por estar localizada em uma comunidade pobre, crianças e adolescentes da escola Municipal Josefina de Souza Aguiar, vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica. São submetidas a situações de injustiça, violência e exclusão social, o que colabora com o aumento da evasão escolar e/ou dificulta as relação entre corpo docente e discente que parecem estar culturalmente muito distantes.

É preciso um olhar atento, pois estas situações acontecem de maneira velada quase invisível aos olhos desatentos, ajudando a perpetuar, silenciar e institucionalizar o racismo que reforça a ideia de superioridade entre uma cultura e outra.

Desta forma fui mobilizada pelas minhas experiências de atuação com cultura para escrever e aprovar um projeto no edital ' Mais Cultura nas Escolas' junto ao Ministério da Cultura, que contemplasse a escola, auxiliando no processo de implementação da Lei 10.639/03 , estimulando a consciência do poder de transformação social , o resgate da auto estima dos alunos e a sensibilização de professores para a construção de políticas de promoção a igualdade racial.

O Projeto Mostra Brasil previa a realização de aulas de teatro e dança afro com atividades no contraturno escolar e aos sábados, ocupando espaços públicos como praças e espaços culturais do bairro Bela Vista e região . Durante as oficinas houve o estudo da cultura afro-brasileira através da exibição de filmes e peças teatrais , visitas a comunidades quilombolas e montagem de espetáculos de dança e teatro.

A efetiva participação dos alunos, mostrou o poder transformador que a cultura pode ter na vida destes jovens, que tendo suas capacidades

reconhecidas passaram a se sentir valorizadas resgatando sua autoestima, tornando-os mais atraídos pela escola, o que os mantém afastados da violência que assola a comunidade.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS

O racismo e seus efeitos têm impactado de maneira expressiva e cruel na sociedade brasileira. Seus mecanismos são eficientes a ponto de invisibilizar e naturalizar a situação social da população negra que comporta os mais negativos índices sociais. Segundo “Situação social da população negra por estado”, realizado pelo IPEA em 2014(SILVA 2014) as famílias negras são mais numerosas entre as que tinham renda per capita de até meio salário mínimo, 38,6%, contra 19,2% de brancos em 2012. A renda familiar representa um importante indicador de acesso a bens e serviços que entre outros fatores resulta em menor frequência escolar. Considerando a população com mais de quinze anos em 2012, 23% da população branca tinha menos de quatro anos de estudo contra 32,3% da população negra. O percentual de pessoas brancas com nove anos ou mais era de 55,5% e de pessoas negras era de 41,2%, com doze anos ou mais de estudo brancos tinham 22,2% e negros 9,4%.

Cabe-me a obrigação neste instante de contextualizar “brancos e negros” para os fins deste trabalho, uma vez que a cor da pele não é a única característica usada para validar a situação apresentada.

De acordo com o documento “O Sistema Classificatório de ‘cor ou raça’ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”, de 2003, existem três métodos de identificação racial: o primeiro é a auto-atribuição de pertencimento a qual o sujeito se considera membro; o segundo é a heteroatribuição, na qual outra pessoa define o grupo do sujeito e o terceiro é a identificação dos grupos populacionais ascendentes próximos que se descobre através de exame de DNA.

No sistema classificatório do IBGE , são empregados simultaneamente os métodos da auto-atribuição e heteroatribuição . Assim, para efeito de estudos , a instituição adota a terminologia “Negros” para pretos e pardos, podendo o individuo escolher sua classificação conforme identificar sua etnia como: branca, preta, amarela, parda ou indígena.

Para o presente trabalho, ainda me valho do contexto que me é apresentado sobre o trabalho do sociólogo Oracy Nogueira(2003) que explica que o preconceito racial no Brasil é fortemente marcado por características aparentes, principalmente a cor. Há uma espécie de escala gradativa que coloca o branco (considerado ideal) e o negro como dois pontos extremos, as posições intermediárias são sintetizadas em uma só categoria, o pardo. O preconceito se intensifica na razão direta dessa escala de cor, onde quanto mais escura for a pele do indivíduo mais preconceito ele sofrerá.

2.1 Racismo na escola

Comparado aos brancos, os jovens negros possuem menor escolaridade em todas as faixas, o que indica que a necessidade de políticas educacionais focadas no aumento da frequência e permanência na escola. No entanto , segundo o estudo “Situação social da população negra por estado”, realizado pelo IPEA em 2014, os índices de escolarização tem aumentado entre a população negra, especialmente nos níveis de educação superior, o que mostra a eficiência das ações afirmativas que auxiliam no acesso à universidade de alunos provenientes de escolas públicas.

Apesar desse aumento, a população negra ainda representa menos da metade da população universitária no país, por isso além das ações afirmativas é preciso atenção aos níveis de educação fundamental pois de nada adiantaria melhorar o acesso a universidade se essa população não concluir o ensino básico. Para tanto temos que analisar a razão para a evasão escolar para além das relações econômicas, pois mesmo tendo acesso à escola em horário compatível com o trabalho os níveis de evasão são altos.

Se o problema não está apenas na situação financeira dos jovens, devemos observar como se dão as relações sociais no ambiente escolar. Segundo Hannah Arendt (1954) a educação busca o aluno ideal que enquadre-se em determinados padrões, propõe apagar as diferenças individuais. Podemos, então pensar que nesta busca pela igualdade, quem for diferente deve se igualar ou corre o risco de ser eliminado do sistema.

Dayrell (2007) afirma que para a escola e seus profissionais o problema está na juventude e em seu caráter individualista e irresponsável o que gera o desinteresse pela educação escolar. No entanto para os jovens que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos a escola está distante de seus interesses, reduzida a um cotidiano monótono, com professores que pouco acrescentam à sua formação, caracterizando-se apenas como obrigação devido a necessidade de diplomas. Essa relação conflituosa com a escola acentua-se quando se trata da juventude negra, pois ela enfrenta não só as representações sociais comuns à juventude, mas também as representações ligadas ao recorte racial.

O racismo presente em diversos ambientes da sociedade, se reflete na escola de maneira institucional e sistêmica, pois seus agentes e os profissionais que difundem esta ideia, muitas vezes sem estar ciente da cadeia de reprodução do processo, tem se mostrado omissos quanto ao dever de reconhecer e respeitar a diversidade racial. Cavalleiro nos diz que :

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. (Cavalleiro,2005, p.11)

Veiga(2002) complementa:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são

processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA, 2002, p.7)

Tais apontamentos nos levam a inferir que a ausência dessa reflexão incide diretamente na construção do currículo, que traz conteúdos pautados na ideologia europeia e branca renegando a existência de outras etnias presentes em nossa sociedade. Reflete antigas relações de poder que estabelecem a suposta superioridade de um grupo étnico (branco) em relação a outros.

Os materiais didáticos apresentam a imagem da pessoa negra de maneira distorcida, representando-a como ex-escrava ou em situações de subserviência, o que reproduz ou constrói a ideia de negros como sinônimo de seres inferiores, ajudando a reforçar a imagem imposta pela mídia de que negros seriam uma categoria de segunda classe que já nasceram para servir (SILVA,2011).

Outros fatores que favorecem a discriminação racial são os xingamentos vindos de colegas e/ ou professores , como apelidos pejorativos e ironias que animalizam ou coisificam o indivíduo humano. Já presenciei em diversas situações alunos se agredido com apelidos pejorativos que desqualifica alguma característica física do colega negro. Os alunos negros também adotam essa prática, atacando os colegas de pele mais escura, assim quanto mais características étnicas negras, mais o aluno é agredido. A agressão também parte dos professores, que entre eles, muitas vezes questionam a higiene dos alunos negros, dizendo que não cheiram bem, ou não penteiam os cabelos. Essas situações são tão naturalizadas que praticamente não existem intervenções para evita-las.

Não é incomum que apenas os profissionais que ocupam funções de menor prestígio social sejam negros, porteiros, equipe de limpeza e da cozinha, enquanto a maioria dos professores e diretores são brancos ou se identifiquem como tal. Fora da escola, à mídia reforça esse estereótipo, pessoas negras são retratadas em profissões socialmente inferiores, moradores de favela e como bandidos.

Consciente ou inconscientemente os professores, favorecem a perpetuação de relações negativas, quando esperam resultados inferiores, dedicam menos atenção e atribuem características negativas aos alunos negros, havendo um claro tratamento diferenciado que hierarquiza o pertencimento racial dos alunos. Cavaleiro (1999) destaca que essa diferença de tratamento, concorre para a difusão, reprodução e permanência do racismo no interior das escolas e na sociedade como um todo.

Existe muita dificuldade em lidar com a temática do racismo, segundo Cavaleiro (1999), uma parcela considerável dos profissionais dizem não perceber os conflitos e discriminações raciais entre os alunos e entre professores e alunos. Essa é uma situação que nos permite análises distintas, um primeiro olhar pode nos dizer da ocorrência em função na inaptidão do professor que não tem a experiência formativa necessária para intervir quando necessário, mas pode nos dizer também de professores que, sabendo da complexidade da questão, não querem se comprometer, não querem se desgastar, ao ter que se posicionar e exigir do coletivo escolar uma posição. Uma docência comprometida com as questões raciais implica também um envolvimento visceral e dá mais trabalho, é mais desgastante. Nas escolas em que atuo, ao evidenciar alguma situação discriminatória ocorrida no dia a dia, sempre tenho a resposta de que estou exagerando, que as coisas são assim mesmo, que é algo natural.

Esse processo de naturalização do racismo faz com que muitos não compreendem em quais momentos ocorrem atitudes discriminatórias por isso negam sua existência, consideram desnecessário trabalhar temas como: igualdade racial, diversidade religiosa e cultura afro. Por isso é uma temática que precisa ser discutida constantemente no âmbito educacional e outros setores da sociedade. Trata-se de uma prática que, de certa forma, é camuflada sob o argumento da democracia racial, como se fosse algo presente apenas no imaginário de alguns indivíduos vítimas deste e não um fato consumado na realidade cotidiana.

Essas relações invisibilizam, consolidam e perpetuam as discriminações, comprometem o desenvolvimento intelectual, colaboram com a construção de baixa auto-estima, pouca ou nenhuma participação em sala de aula, dificuldade no processo de aprendizagem, ausência de reconhecimento positivo de suas características raciais e conseqüente recusa em ir a escola - evasão escolar.

2.2 Juventude e Violência

Se a evasão escolar é maior entre os jovens negros, estes também estão mais vulneráveis à violência. A juventude brasileira vive em um cenário próximo ao de uma guerra, os números de assassinatos são tão alarmantes que especialistas falam em genocídio da juventude negra. Segundo dados do Mapa da Violência 2014. Em 2012, as mortes juvenis (de indivíduos de 15 a 29 anos) provocadas por causas não naturais representaram 71,1% do total, sendo que 38,7% morreram de morte violenta. Os números são ainda mais assustadores para a juventude negra que, em 2012, foram de 76,9% dos jovens mortos de forma violenta. Isso significa que para cada jovem branco vítima de homicídio, 2,7 jovens negros são assassinados sendo a maioria dos homicídios praticada por armas de fogo. Destes, menos de 8% dos casos chegam a ser julgados, o que mostra o desinteresse do poder público em resolver a situação.

Embora a sentença de morte tenha sido extinta oficialmente no Brasil, nos bairros periféricos das grandes cidades sua prática está em pleno vigor. O relatório da Anistia Internacional (2014/2015) diz que a força policial brasileira é a que mais mata no mundo e faz isso com o aval da sociedade. Segundo

pesquisa Datafolha (2015), metade da população brasileira concorda que “Bandido bom é bandido morto.”

Esse resultado reforça a sensação de que a sociedade é tolerante com a matança de suspeitos por policiais, e que lhes dá o direito de julgar e aplicar a pena capital. Há uma criminalização do pobre e do negro na periferia que, já recebe sua condenação no momento da abordagem.

Segundo a Folha de São Paulo, em 2014 as polícias Civil e Militar mataram 3.022 pessoas em todo o país - uma média de oito por dia - esses dados referem-se apenas às mortes oficiais, assumidas pelas forças policiais. Existe no Brasil inteiro casos de chacinas sob suspeita de que tenham sido praticadas por grupos de policiais “justiceiros”. Vários outros casos em que suspeitos foram mortos porque supostamente o policial confundiu um telefone celular, ou uma ferramenta com uma arma. Recentemente houve um flagrante registrado em vídeo em que policiais do Rio de Janeiro tentavam forjar um tiroteio diante de um jovem morto. Embora não existam números oficiais, há um consenso geral de que os negros são sempre o alvo das abordagens policiais, existindo até ordens internas nas corporações para que as batidas sejam direcionadas a pardos e pretos, como mostra a ordem de serviço da Polícia Militar de São Paulo (ANEXO 1).

Abreu e Ferrari (2009) destacam que indicadores demonstram que o crime no Brasil é praticado por homens na faixa etária de 14 a 26 anos de idade, residentes nas periferias e favelas dos grandes centros urbanos, com escolaridade que não ultrapassa o ensino fundamental renda por pessoa inferior a um salário mínimo e com um ambiente familiar marcado por um histórico de ausências e violência. Não coincidentemente as vítimas possuem o mesmo perfil.

Esse perfil social da violência se converte em abusos das autoridades incumbidas de reprimir a criminalidade que direciona sua atenção quase que exclusivamente para os pobres. Historicamente, a parcela da população com esse perfil social é negra, provando que a violência, discriminação e exclusão

social tem recorte racial e cria um cenário propício para a proliferação da violência que atinge a juventude.

O atual cenário nos permite avaliar que os altos níveis de morte violenta entre jovens negros está diretamente relacionada com a baixa escolaridade, já que sem educação não se tem acesso a uma ação que garanta sua cidadania e conseqüentemente a outros mecanismos de inclusão social.

2.3. Reação através da cultura

Dayrell (2007) nos esclarece que o jovem tende a procurar seus pares em grupos culturais nos mais variados estilos, criando seus espaços e redes de troca, possibilitando a construção de uma identidade positiva por meio da qual afirmam seu direito à cidade, à cultura e à participação e construção de uma vida pública. Longe da rigidez do trabalho e da escola, estes grupos reinventam o espaço transformando o no lugar do lazer, do esporte, de interações afetivas e simbólicas, onde o jovem expressa, produz e reproduz sua cultura através da dança, música, do vídeo e até na forma que se veste.

Assim, a cultura, num processo de auto-referência, concebe fruição saudável do lazer e na vida política social, promovendo o conceito de endoculturação, desenvolvido por Laraia Roque de Barros em “Cultura um conceito antropológico” (2009). Como resultado clássico desta transformação, muitos agentes se tornam produtores de cultura e é comum a realização de eventos como shows e festas criando assim uma nova territorialidade afirmando seu lugar na cidade que os exclui.

Para esses jovens destituídos por experiências sociais que lhes impõe uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima, possibilitando lhes identidades positivas (Dayrell & Gomes, 2002-2003, P.10).

A cultura deve ser pensada como um conjunto de hábitos, crenças e valores que garantem o reconhecimento de uma identidade a um determinado grupo social. Entretanto, quase sempre ela é vista como propriedade dos grupos hegemônicos que tendem a atribuir características depreciativas para desqualificar tudo que é produzido por outras classes sociais.

Em Belo Horizonte existem vários coletivos culturais como o “Família de Rua” que promove o duelo de MC’s ; o Sarau “Vira lata” que faz encontros para a leitura e recitação de poesias e o “Game Of Skate”, atividade mensal do esporte. Existem ainda os eventos sem liderança definida em que os jovens atendem às “chamadas” nas redes sociais para ocupar lugares como a Praça da Estação com o evento “Praia da Estação” e a Praça do Papa com a chamada “Segunda Sem Lei” onde promovem bailes funk.

Com ou sem uma liderança organizada, nestes eventos os jovens se manifestam politicamente, seja usando sua voz quando recitam uma rima, seja exercendo seu direito a cidade, ocupando o lugar geográfico que antes não lhe cabia. Não por acaso tais reuniões não são bem aceitas pelas autoridades locais que criam todo tipo de impedimento para sua realização.

O Duelo de MC’s, por exemplo, que ocupava há mais de 5 anos o Viaduto do Santa Teresa, enfrenta dificuldades em continuar a acontecer, além da autoridade executiva do município fechar o local para obras intermináveis, passou a cobrar taxas para a ocupação das praças escolhidas em substituição ao viaduto. Os valores incluem medição de metro quadrado utilizado, totalizando mais de quatro mil reais por mês. Já os bailes na Praça do Papa, um dos mais nobres cartões-postais de Belo Horizonte, são marcados por episódios de violência, uso de drogas e repressão policial. Com o apoio da comunidade local – a observar: branca e de classe social alta –, a polícia tem agido de maneira ostensiva no intuito de impedir a realização das festas.

A presença de jovens negros nas regiões consideradas nobres, causa incomodo nas elites, que não querem ver seu território “invadido” pela cultura da periferia, julgada como inferior e usam mecanismos do Estado para cercar e limitar a participação dos jovens nos espaços de convivência, restringindo sua plena participação na vida urbana, criando assim um padrão de segregação socioespacial que distancia cada vez mais os brancos dos negros. Quanto mais rica for a região ocupada, maior e mais violenta será a ação das autoridades. É como se as elites dissessem: “Volte para o seu lugar!”

Apesar dessa violência registrada, a juventude negra não está parada assumindo que a situação atual é imutável. Através dos eventos anteriormente mencionados a juventude tem mandado seu recado, deixando claro com que tipo de cultura se identifica e que está disposta a resistir para existir. Tem buscado o resgate da identidade étnico-racial, afirmando sua autoestima, liderando espaços políticos, provocando questionamentos e evidenciando a necessidade da implementação de Políticas de Igualdade Racial.

Mudar o quadro de violência e exclusão social é uma tarefa da sociedade e a juventude já está mostrando qual caminho deve-se seguir. É necessário a implementação de políticas públicas que assegurem o acesso e permanência dessa parcela da população na escola, tais como a formação adequada dos professores para a implementação da Lei 10.639/2003 e mudanças na forma tradicional que a escola tem atuado, adequando-se à realidade dos alunos.

A escola precisa olhar além de seus muros para compreender as reais necessidades dos alunos, deve efetivar práticas de ações afirmativas que a transforme em um local de reconhecimento, produção de conhecimento e práticas democráticas, onde os negros sejam também, e em igualdade, autores das práticas da diversidade educativa.

Nesse sentido tenho norteado meu trabalho, na tentativa de tornar a escola mais atraente e diversificada, com a valorização do funk, hip-hop e outras linguagens, das quais jovens se identificam e se manifestam em seu dia a dia, buscando desta forma, reduzir os índices de evasão escolar e assegurar o

acesso aos níveis mais elevados da educação, por consequência a saída dos jovens negros do perfil das vítimas de violência.

3.RELATO DE EXPERIÊNCIA

Antes de iniciar o relato de minha experiência na escola é necessário explicar que não sou professora concursada. Atuo como professora eventual, seja como designada no sistema de ensino estadual, ou por processos seletivos simplificados nos sistemas municipais, o que não garante ao fim do contrato que no ano subsequente os professores estarão na mesma escola. Desde 2010, quando me formei, já passei por mais de onze escolas em três redes diferentes, o que dificulta a continuidade das intervenções. Logo que foi preciso escolher uma destas escolas para escrever este trabalho, optei por descrever a experiência mais longa iniciada em 2013 e ainda não concluída.

A Escola Municipal Josefina de Souza Aguiar está situada no bairro Bela Vista, região Sede do município de Contagem, próximo a bairros Eldorado e Riacho, considerados nobres no município, mas também está localizado as margens da Via Expressa e próximo a um lixão de onde muitas famílias tiram seu sustento. Essa localização geográfica ajuda a determinar o perfil social dos alunos, que são divididos entre adolescentes de classe média e outros de situação social de risco.

A violência faz parte do cotidiano escolar, não é difícil encontrar alunos que tenham perdido seus pais e/ou irmãos de forma violenta. Alguns estudantes já estão envolvidos com o tráfico de drogas e relatam casos de assassinatos como se fosse algo rotineiro. Na mente dos professores mais antigos ainda está muito presente o trauma de um homicídio ocorrido no pátio da escola na hora do recreio, onde um adolescente foi morto por ser confundido com outro envolvido no tráfico de drogas.

A maioria das crianças expostas a essa situação de risco, são pretas e pardas e trazem consigo as marcas da exclusão social, como baixa autoestima, baixo rendimento escolar e hiperssexualização.

Em 2013 , a relação professor /aluno era muito difícil, passávamos mais tempo tentando colocar ordem na sala, que realmente ensinado. O corpo docente sabia, mas não compreendia a realidade vivida pelos educandos. Nas conversas de corredor era muito comum ouvi-los falando sobre os alunos de maneira pejorativa, com tom de condenação por ouvirem funk ou apesar da pouca idade já terem vida sexual ativa. Qualificavam alguns meninos como futuros bandidos e meninas como futuras mães solteiras.

Havia necessidade urgente de uma intervenção que ajudasse a transformar positivamente essa realidade, mas qualquer trabalho que fugisse ao tradicional, não era bem recebido pelo corpo docente, que não estava disposto a usar novas linguagens.

Ainda que não intencionalmente minha intervenção começou no primeiro instante que pisei na sala de aula, enquanto me apresentava, notei que os estudantes prestavam mais atenção aos meus cabelos que na minha fala. Sou negra (parda), com cabelos anelados e volumosos abaixo dos ombros, estética que eles não estavam acostumados já que o padrão de beleza impunha o alisamento dos cabelos. Passaram a perguntar sobre os cuidados adequados aos cabelos do tipo afro e frequentemente pediam para tocar meus cachos. O toque era acompanhado pela surpresa ao perceber que era macio e natural , pois aprenderam a vida toda que esse tipo de cabelo era “duro e ruim”.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES.2002. p.3)

Quando perguntavam se eu já havia alisado ou escovado os cabelos, respondia que sim, mas achava muito artificial e feio, portanto preferia usá-los naturais.

Minha aparência representou um referencial para a construção de uma identidade racial positiva, em pouco tempo várias alunas estavam em fase de

transição capilar, voltando a usar seus cabelos crespos e cacheados. Isso representa um importante fator de empoderamento e reconhecimento da ancestralidade a qual pertenciam.

A estética negra passou então a ser o foco de minhas intervenções transdisciplinares com ações pontuais, como oficinas de amarração de turbante, cuidados com cabelos, penteados afros e desfiles de valorização e exaltação à beleza negra. A participação dos alunos era intensa, propunham novas atividades e faziam questão de participar a cada momento.

Fotografia 1- OFICINA CORPO E CABELO



Fonte: Raquel Braga

Todas as oficinas eram relacionadas ao conteúdo programático das disciplinas de história e geografia, no entanto era difícil conseguir a adesão dos professores de outras disciplinas. Esses, por estarem acostumados com uma educação mais tradicional não se interessavam pelo assunto. Posso dizer que havia até um certo boicote, sob a alegação de barulho excessivo tentavam impedir a realização de qualquer atividade que fugisse à ordem tradicional da sala de aula.

Essa resistência foi quebrada no final do ano nas atividades de novembro do mês da consciência negra - único mês que a escola se propunha a trabalhar o tema – quando as atividades foram apresentadas á comunidade escolar através de um desfile exaltando a estética negra. O corpo docente foi tomado pela emoção, ao ver a dedicação de alunos considerados problemáticos, entenderam na prática, o quanto a realização de atividades mais próximas da realidade do aluno apresentavam resultados mais eficientes.

Fotografia 2- Desfile Beleza Negra



Fonte :Raquel Braga

Como já estava no final do ano, meu contrato com a rede estava prestes a acabar, tinha o desejo de continuar o trabalho, mas sabia que não voltaria para a mesma escola no ano seguinte e que outros professores não assumiriam esta continuidade.

Na mesma época o Ministério da Cultura (MinC) lançou o edital “ Mais Cultura nas Escolas” que previa a realização de atividades ligadas a três

dimensões : Cidadania, Cultura e Cidades e Cultura e Economia . Todas buscando ampla participação da sociedade civil e dos poderes públicos. Neste programa o MinC reconhece a cultura como necessidade básica, direito de todos os brasileiros assim como alimentação, saúde, moradia e o voto, tratando a cultura como vetor importante para o desenvolvimento do país com status de política estratégica para atuar na redução da pobreza. Entendi este edital como a oportunidade de continuidade ao trabalho e usei meus conhecimentos como produtora cultural para escrever e aprovar um projeto que contemplasse a escola.

Fotografia 3-Aula inaugural Projeto Mostra Afro Brasil



Fonte:George Dias

O objetivo do Projeto Mostra Afro Brasil,(ANEXO 2) é contribuir para a formação cultural dos alunos e da comunidade local, por meio de atividades lúdicas educacionais, voltadas para a promoção da igualdade, da valorização, difusão e preservação da cultura negra. A previsão era que o projeto durasse

seis meses, sendo que os três primeiros meses seriam de sensibilização e os três meses seguintes serviriam para a montagem de um espetáculo teatral. Foram atendidos quinze alunos no contraturno escolar, com oficinas de teatro e dança duas vezes por semana, com duração de duas horas.

A primeira etapa foi realizada no segundo semestre de 2014, mas como o governo federal só disponibilizou o restante da verba em janeiro deste ano, a segunda metade do trabalho começará no final de abril deste ano, desta forma, descreverei aqui somente as atividades da primeira fase do projeto.

Foram desenvolvidas oficinas de teatro com o foco na sensibilização étnico-racial, tais como, a valorização da história, beleza e cultura afro-brasileira.

O início das atividades coincidiu com o início deste curso de especialização, que contribuiu para a construção das oficinas desde o primeiro dia. Já nas primeiras oficinas, utilizei o material do kit “A cor da cultura- Heróis de todo mundo” propondo que interpretassem os grandes personagens negros na história. Neste primeiro momento, me atentei a observar a reação dos alunos, que ao se identificarem com personagens da vida real, que tiveram histórias incríveis, passaram a olhar a realidade ao redor de maneira mais crítica.

A Instrutora de teatro propôs que eles pesquisassem outros personagens negros que considerassem heróis contemporâneos, alguns trouxeram histórias de artistas e atletas famosos que tiveram que histórias de luta e sucesso, mas a maioria trouxe histórias de anônimos, mais próximas de sua realidade, como do pastor evangélico que já foi envolvido com o crime e hoje tenta resgatar os jovens que vivem esta realidade, da mãe que luta para sustentar seus filhos sozinha e do avô que veio do nordeste fugindo da seca.

Passamos então, a representar as histórias dessas pessoas, incluindo elementos de pesquisa sobre outras histórias parecidas Brasil afora. Esta atividade serviu como um importante passo na sensibilização dos alunos que até então não entendiam que a exclusão social estava associada à cor da pele.

Neste momento os alunos já eram capazes de identificar situações racistas que antes não prestavam atenção em seu cotidiano. Eles começaram a relatar situações do cotidiano escolar e reconhecer que, muitas vezes, contribuíram para excluir um colega de pele mais escura que a sua. Para ilustrar os depoimentos assistimos a alguns filmes relacionados ao tema como: “Vista minha pele”, “Besouro” e “ Cidade de Deus ” , sendo que o último chamou mais atenção dos alunos, já que sua narração trazia muitos aspectos da realidade violenta vivida na comunidade escolar .

Afim de problematizar ainda mais esta realidade passei a usar elementos do funk e do rap que além de serem estilos musicais de origem negra, estão constantemente discutindo a realidade da periferia e são os preferidos dos alunos. A partir das músicas, surgiram questões como a hipersexualização da mulher negra, estupro, gravidez na adolescência, drogas, violência policial e mortes violentas, realizamos pequenas rodas de debate e a criação de cenas curtas que ilustrassem criticamente cada uma dessas temáticas .

Findada essa primeira etapa de três meses, passamos a discutir a criação de um grande espetáculo com apresentação em um teatro do município. O grupo decidiu que o tema do espetáculo montado por eles, seria a história do “Silva”, personagem fictício inspirado na música “Rap do Silva “. A música conta uma história de um jovem trabalhador, pai de família que era recriminado por gostar de funk e sem motivo aparente foi morto ao chegar no baile:

Os educandos concluíram que o ‘Silva’ poderia ser qualquer um. Era só um jovem de periferia, que sonhou em ser jogador de futebol, mas provavelmente não teve muitas oportunidades na vida, deve ter sido pai muito jovem, batalhava pra se manter e tinha no funk a possibilidade de sonhar com outra realidade. Esse perfil foi construído a partir da análise da música,(anexo 3) associando a realidade da comunidade do bairro, o personagem se parece com muitos amigos, vizinhos e familiares.

O espetáculo não chegou a ser montado, pois está previsto para a segunda etapa do projeto. Muitos dos alunos concluíram o Ensino Fundamental e saíram da escola, desta forma não será possível recomeçar o projeto de onde foi interrompido, o cronograma e as atividades serão readequados ao tempo e à verba disponíveis.

No entanto, já é possível analisar alguns de seus resultados. Esperava-se que no final do projeto os alunos tivessem desenvolvido uma sensibilidade às questões étnico raciais, desenvolvendo maior autoestima e identidade com suas origens, conhecendo e reconhecendo sua história. Este objetivo foi parcialmente atendido, já que os alunos passaram a reconhecer o racismo em seu cotidiano o que facilita seu combate e permite a construção de uma identidade racial positiva.

Eles passaram a utilizar o conhecimento adquirido, chegando até a promover atividades de combate ao racismo dentro do horário escolar regular, envolvendo alunos e ex alunos da escola.

Fotografia 4 -Desfile Beleza Negra,produção alunos dos alunos do projeto Mostra Afro Brasil



Fonte:Ricardo Azevedo

Os resultados foram satisfatórios, aprendi tanto quanto ensinei, assumindo que lecionar é aprender, é possibilitar a troca de experiências em que o aluno também é protagonista na construção do conhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola reflete as características da comunidade onde está localizada, os fatores próprios da região incidem diretamente no ambiente escolar. Assim as situações de violência, de racismo e de exclusão social vividas no ambiente escolar também estão presentes na sociedade como um todo, mostrando-se mais marcantes nas comunidades periféricas.

As ações realizadas no projeto contribuíram para a valorização da capacidade dos próprios sujeitos em modificar sua realidade estimulando sua capacidade de produzir cultura. Reafirmou a necessidade de intervenções que colaborem com a construção e valorização de saberes através da troca de conhecimentos.

O tema 'cultura da periferia' se desdobrou em várias outras temáticas relacionadas ao racismo cotidiano, mostrando o quanto o tema é amplo e muito grande para um projeto de apenas seis meses de duração, com início meio e fim, que atendem apenas quinze adolescentes de uma escola com mais de trezentos alunos. Apesar desses jovens atuarem como multiplicadores dos saberes, as atividades representam apenas um passo na construção de uma educação verdadeiramente antirracista.

Ter começado o projeto em 2014 com uma interrupção de mais de um ano, atrapalhou sua continuidade e a efetividade dos resultados, assim a proposta do MinC deve ser ampliada para que possamos estabelecer parcerias mais efetivas que assegurem o cumprimento do cronograma essencial para o alcance de bons resultados.

A escola é um espaço sociocultural no qual diferentes identidades se encontram e se produzem. Portanto, é um dos lugares mais importantes para se educar quanto ao respeito a diferença, conforme aponta Dayrel (1996). É o

lugar onde o sujeito passa a maior parte de sua vida, por isso é importante a formação adequada de todos os profissionais da educação quanto aos conteúdos relacionados as relações étnico-raciais para que saibam trabalhar com seus alunos e alunas de forma constante e não apenas em datas comemorativas. Destacando-se a necessidade da reformulação do currículo de forma que atenda de fato atenda a realidade de cada comunidade, voltando o olhar para os alunos, que não devem ser apenas receptores das ações, mas também considerados propositores de novas propostas.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. M. Retrato social da discriminação racial e da marginalização criminal do negro no Brasil: um estudo do perfil sócio-racial dos detentos do Presídio Regional de Tijucas (SC). *Revista Brasileira de Ciências Criminais*. São Paulo, ano 17, n. 77, março – abril de 2009.

ARENDT, Hannah (1954). *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, 5ª edição.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos., Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: *Os Negros e a Escola Brasileira*. LIMA, Ivan C., ROMÃO, Jeruse, SILVEIRA, Sônia M. (orgs.). Florianópolis. Nº. 6, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1999

CAVALLEIRO, Eliane S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

DAYRELL, J; GOMES, N.L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. *Palmares em Ação*, Brasília, DF, n. 2, p. 18-23, 2002.

DAYRELL, Juarez.A Escola Faz Juventudes? *Campinas*, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

GOMES, Nilma Lino, (2002). *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

LARAIA, Roque de Barros, *Cultura: um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. *Educação & Sociedade*, n. 79, p. 15-38, 2002b.

SILVA, Ana Célia da. *A representação social do negro no livro didático : o que mudou ? por que mudou? / Ana Célia da Silva*. – Salvador : EDUFBA, 2011. 182 p.

]

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1690176-metade-do-pais-acha-que-bandido-bom-e-bandido-morto-aponta-pesquisa.shtml> Acesso em 10/03/2016

BRASIL. Ministério da Justiça. *Departamento Penitenciário Nacional – Sistema Integrado de Informação Penitenciária (Infopen)*. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRNN.htm>>. Acesso em 12/01/2016

Brasil de Fato :<http://www.brasildefato.com.br/node/27850> acesso em 15/02 / 2016

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/15/interna_gerais,734439/pm-e-guarda-municipal-ocupam-a-praca-do-papa-e-conseguem-evitar-baile.shtml Acesso em 10/03/2016

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/para-metade-do-pais-bandido-bom-e-bandido-morto-diz-datafolha.h> Acesso em 10/03/2016

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/10/para-especialistas-apoio-a-morte-de-bandidos-e-reflexo-de-medo-e-intolerancia-4863180.html> Acesso em 20/03/2016

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/23/ordem-da-pm-determina-revista-em-pessoas-da-cor-parda-e-negra-em-bairro-nobre-de-campinas-sp.htm> Acesso em 15/02/2016

6. ANEXOS

1- CÓPIA DE ORDEM DE SERVIÇO DA PM DE CAMPINAS



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Campinas, 21 de dezembro de 2012.

ORDEM DE SERVIÇO Nº 8º BPMI-822/20/12

Do Comandante da 2ª Cia PM.

Aos CGP II – Equipe “TODOS”.

Assunto: Intensificação do policiamento – Taquaral.

1. Esses CGP II deverão conhecer e providenciar para que a viatura do Taquaral (AISP 208-AB) realize o patrulhamento preventivo e ostensivo (saturação), pela Rua Castro Alves, Avenida Júlio Diniz, Rua Baronesa Geraldo de Resende e Rua do Oratório – Campinas – SP, na proximidade do Colégio Liceu Salesiano e imediações aos sábados no horário das 11h00min as 14h00min, sem prejuízo no atendimento de ocorrências, no período de **21DEZ12 a 21JAN13**, focando em abordagens a transeuntes e em veículos em atitude suspeita, especialmente indivíduos de cor parda e negra com idade aparentemente de 18 a 25 anos, os quais sempre estão em grupo de 3 a 5 indivíduos na prática de roubo a residência daquela localidade.

2. Os CGP II e as guarnições designadas deverão constar em RSO o horário das rondas, referenciando esta ORDEM DE SERVIÇO.


UBIRATAN DE CARVALHO GÓES BENEDUCCI
Cap PM – Comandante

2-PROJETO MOSTRA AFRO BRASIL

Projeto aprovado Mais Educação

CNPJ: 18.610.687/0001-42

Nome: Raquel Braga

Email: Rarbra1@yahoo.com.br

RG: Mg10531844g14iu

Sexo Feminino

Telefones: 31 33323353 , 3194982407

Endereço: beco Almirante 42 CEP: 30510203

Bairro Nova Gameleira Belo Horizonte MG

Histórico de atuação:

(1999 a 2007) Dançarina de dança de rua , de atuando em grupos da região do bairro Cabana em Belo Horizonte;

(2004 a 2006) Fundadora do Projeto Pó-alvo que atuou na E.E. Nair de Oliveira Santa, que mesmo antes do projeto “Escola Aberta” do governo estadual abriu a escola à comunidade nos finais de semana ofertando oficinas de dança, capoeira, teatro, informática culinária e violão. Atuava como professora de dança e participava do grupo de teatro formado por voluntários do projeto;

(2008 até hoje) Produtora cultural na ONG Bangalô Cultural, que é uma organização não governamental constituída em forma de sociedade civil, filantrópica, sem fins lucrativos e de caráter sociocultural. Por meio das leis de incentivo a cultura Federal, Estadual e parcerias com diversas entidades, realiza regular e gratuitamente várias atividades culturais no município de Contagem. Por meio de pesquisas, mostras, oficinas, festivais, shows, seminários, exposições, eventos e atividades de arte e educação, interagindo com a comunidade, contribuindo com a divulgação e o resgate da diversidade cultural do município. Por isso, é considerada a “voz da cultura alternativa de Contagem”;

(2010 até hoje) Professora de Geografia na Prefeitura Municipal de Contagem. E produtora do Festival BH Canta e Dança que visa a revelação de novos talentos da música e da dança em Belo Horizonte.

Objetivo Geral

Contribuir para a formação cultural dos alunos e da comunidade local, por meio de atividades lúdicas educacionais, voltadas para a promoção da igualdade, da valorização, difusão e preservação da cultura negra.

Objetivos Específicos:

- Sensibilizar professores e alunos para a construção de políticas públicas culturais e educacionais para a promoção da igualdade social;
- Contribuir para o reconhecimento e valorização das manifestações culturais de matriz africana e para o processo de implementação da lei nº10.639;
- Conscientizar crianças e adolescentes de seu potencial para criação e produção cultural;
- Contribuir para a valorização da memória, garantindo o direito ao passado e presente, próprios nos processos de inclusão à Cultura;
- Sensibilizar a comunidade escolar para a construção de políticas públicas culturais e educacionais para a promoção da igualdade racial e promover a valorização da cultura negra.

Justificativa:

Por estar localizada em uma comunidade carente, crianças e adolescentes da escola vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica. São submetidas às situações de injustiça, violência e exclusão social. Este projeto estimulará a consciência do seu poder de transformação social, a melhoria da qualidade de vida e o resgate a autoestima.

O que será desenvolvido:

Serão desenvolvidas oficinas de teatro com o foco na sensibilização étnico-racial, tais como, a valorização da história, beleza e cultura afro-brasileira.

Como será desenvolvido:

As oficinas serão ofertadas a toda comunidade escolar, no contra turno das aulas e aos sábados, ocupando espaços públicos como praças do bairro, espaços culturais e a escola;

Haverá grupos distintos em função da faixa etária dos alunos, que terão atividades adequadas as idades. Tais como:

- estudo da cultura afro-brasileira;
- exibição de filmes;
- visitas a comunidades afro-brasileira;
- exibição de peças teatrais;
- montagem de peças de teatrais escritas pelos próprios alunos.

Como a comunidade escolar integra o projeto:

A comunidade escolar é bem vinda para fazer proposições e a participar das oficinas, sendo que, caberá aos professores auxiliar no processo de sensibilização étnico racial. As famílias serão convidadas a incentivar a participação e a assistir a peça de teatro criada pelos alunos.

Haverá envolvimento da comunidade local?

Para as oficinas serão usados os espaços da escola, de centros culturais e praças públicas da comunidade.

Haverá produto final: Sim, Peça teatral.

Resultados esperados:

Espera-se que no final do projeto os alunos tenham desenvolvido uma sensibilidade às questões étnico raciais, desenvolvendo maior autoestima e identidade com suas origens, conhecendo e reconhecendo sua história,

3. MUSICA” RAP DO SILVA”

(Bob Rum)1995

Todo mundo devia nessa história se ligar
 Porque tem muito amigo que vai para o baile dançar
 Esquecer os atritos, deixar a briga pra lá
 E entender o sentido quando o Dj detonar

Era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família

Era um domingo de sol, ele saiu de manhã
 Pra jogar seu futebol, deu uma rosa para irmã
 Deu um beijo nas crianças, prometeu não demorar
 Falou para sua esposa que ia vim para almoçar

mais era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família

Era trabalhador, pegava um trem lotado
 Tinha boa vizinhança, era considerado
 E todo mundo dizia que era um cara maneiro
 Outros o criticavam porque ele era funkeiro
 O funk não é modismo, é uma necessidade
 E pra calar os gemidos que existem nesta cidade
 Todo mundo devia nessa história se ligar
 Porque tem muito amigo que vai para o baile dançar
 Esquecer os atritos deixar a briga pra lá
 E entender o sentido quando o Dj detonar

e era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família

E anoitecia, ele se preparava
 E pra curtir o seu baile que em suas veias rolavam
 Foi com a melhor camisa, tênis que comprou suado
 E bem antes da hora, ele já estava arrumado

Se reuniu com a galera, pegou o bonde lotado
 Os seus olhos brilhavam, ele estava animado
 Sua alegria era tanta ao ver que tinha chegado
 Foi o primeiro a descer e por alguns foi saudado
 Mas naquela triste esquina um sujeito apareceu
 Com a cara amarrada, sua alma estava um breu
 Carregava um ferro em uma de suas mãos
 Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação
 E o pobre do nosso amigo que foi pro baile curtir
 Hoje com sua família ele não irá dormir

Porque Era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família

Naquela triste esquina um sujeito apareceu
 Com a cara amarrada, sua alma estava um breu
 Carregava um ferro em uma de suas mãos
 Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação
 E o pobre do nosso amigo que foi pro baile curtir
 Hoje com sua família ele não irá dormir

Porque era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 Era só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família
 É só mais um Silva
 Que a estrela não brilha
 Ele era funkeiro mas era pai de família